

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR LITORAL

Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza

CINTIA DE CRISTO RAMOS

**PLANTAS MEDICINAIS E MUDANÇAS NO BIOMA ORIGINÁRIO DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA JOÃO SURÁ**

MATINHOS, PR

2023

CINTIA DE CRISTO RAMOS

**PLANTAS MEDICINAIS E MUDANÇAS NO BIOMA ORIGINÁRIO DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA JOÃO SURÁ**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral como parte do processo de investigação do Projeto de Aprendizagem. Turma: Chico Mendes/2019.

Orientadora: Ândrea Francine Batista

MATINHOS, PR

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
COORDENAÇÃO DA CÂMARA CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO -
CIÊNCIAS DA NATUREZA
Rua XV de Novembro, 1299, - Bairro Centro, Curitiba/PR, CEP 80060-000
Telefone: (41) 3360-5000 - <http://www.ufpr.br/>

ATA DE REUNIÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 30 (trinta) dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e três, às 09 horas, na sala virtual da Plataforma "Teams" do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza (Lecampo) do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, reuniram-se sob a presidência da Professora Ândrea Francine Batista os seguintes participantes: a estudante **CINTIA DE CRISTO RAMOS**, discente da turma de 2019 – GRR20195037, e os docentes, professora Dra. Viviane Camejo Pereira (UFPR - Setor Litoral, Lecampo), e Professor Dr. Evandro Cardoso do Nascimento, ambos convidados como membros da Banca de Avaliação. A presidente cumprimentou os presentes e iniciou, às 09 horas e 03 minutos, a apresentação pública do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da supracitada discente, cujo título é: "**PLANTAS MEDICINAIS NO BIOMA ORIGINÁRIO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA JOÃO SURÁ (PR)**", como requisito curricular indispensável à integralização do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza. Depois de encerrada a sessão, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela aprovação do referido trabalho com conceito APL, divulgando formalmente à discente o resultado e estabelecendo que a entrega da versão final do TCC deverá ser feita à orientadora no prazo estipulado, conforme as normativas do Trabalho de Conclusão de Curso. Às 10 horas e 17 minutos, eu, na qualidade de presidente da Banca Examinadora, lavrei a presente ata que foi lida e aprovada, sendo a primeira via pertencente à Câmara e a segunda via disponibilizada à discente.



Documento assinado eletronicamente por **ANDREA FRANCINE BATISTA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/07/2023, às 18:50, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **VIVIANE CAMEJO PEREIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/08/2023, às 10:34, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **EVANDRO CARDOSO DO NASCIMENTO, Usuário Externo**, em 15/08/2023, às 11:57, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida [aqui](#) informando o código verificador **5687454** e o código CRC **3171C9F1**.

DEDICATÓRIA

Dedico a minha família e a comunidade e a professora Andrea, pela paciência e colaboração durante a construção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha família pelo incentivo para iniciar o curso,
e principalmente apoio emocional para continuar e concluir e por entender minha ausência
durante a realização do curso.

E aos professores, pelos ensinamentos, que me permitiram me apresentar um melhor
desempenho.

RESUMO

Este trabalho científico é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo analisar a preservação dos saberes tradicionais sobre as plantas medicinais no bioma originário da Comunidade Quilombola João Surá, localizada em Adrianópolis-PR, bem como o reconhecimento dessa sabedoria. Sendo assim, o trabalho apresenta um diálogo entre os saberes tradicionais cultivados desde as gerações antepassadas, e a metodologia de ensino da educação escolar quilombola, que por sua vez contribui na preservação da ancestralidade, na valorização dos/as anciões, na compreensão dos conflitos territoriais e do racismo ambiental. Durante a pesquisa foram realizadas entrevistas com integrantes da comunidade que colaboraram para o levantamento e sistematização das informações. A socialização destes saberes com as novas gerações ocorre através das ações educativas do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos e da própria Comunidade.

Palavras Chaves: Autonomia Quilombola; Conhecimentos Tradicionais; Subsistência; Bibliotecas Vivas.

RESUMEN

Este trabajo científico es el resultado de una investigación que tuvo como objetivo analizar la preservación de plantas medicinales en el bioma original de la Comunidad Quilombola João Surá, ubicada en Adrianópolis-PR, así como el reconocimiento de esa sabiduría. Por lo tanto, el trabajo presenta un diálogo entre los saberes tradicionales cultivados desde las generaciones ancestrales, y la metodología de enseñanza de la educación escolar quilombola, que a su vez contribuye a la preservación de la ancestralidad, la valorización de los mayores, la comprensión de los conflictos territoriales y ambientales. racismo. Durante la investigación se realizaron entrevistas a miembros de la comunidad que colaboraron en el levantamiento y sistematización de la información. La socialización de estos saberes con las nuevas generaciones se da a través de las acciones educativas del Colegio Estadual Quilombola Diogo Ramos y de la propia Comunidad.

Palabras clave: Autonomía Quilombola; Conocimientos Tradicionales; Subsistencia; Bibliotecas Vivas.

ABSTRACT

This scientific work is the result of research that aimed to analyze the preservation of medicinal plants in the original biome of the Quilombola Community João Surá, located in Adrianópolis-PR, as well as the recognition of this wisdom. Therefore, the work presents a dialogue between the traditional knowledge cultivated since the ancestor generations, and the teaching methodology of the quilombola school education, which in turn contributes to the preservation of ancestry, the appreciation of the elders, the understanding of territorial conflicts and environmental racism. During the research, interviews were conducted with members of the community who collaborated in the survey and systematization of information. The socialization of this knowledge with the new generations takes place through the educational actions of the Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos and the Community itself.

Keywords: Quilombola Autonomy; Traditional knowledge; Subsistence; Living Libraries

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Comunidades Quilombolas no Município de Adrianópolis – PR	p.13
FIGURA 02 – Morro do Cruzeiro antes do “reflorestamento”	p.22
FIGURA 03 – Morro do Cruzeiro anos após o “reflorestamento” (19.04.2019)	p.22
FIGURA 04 – Cano do Brejo	p.28
FIGURA 05 - Pacova	p.29
FIGURA 06 – Erva Santa Maria	p.29
FIGURA 07 – Laranja Grande	p.30
FIGURA 08 – Limão Cravo	p.30
FIGURA 09 – Chuchu	p.31
FIGURA 10 – Alecrim	p.31
FIGURA 11 – Cipó Mil-Homem	p.32
FIGURA 12 – Boldo	p.32
FIGURA 13 – Alevante	p.33
FIGURA 14 – Raiz de Quina Branca	p.33
FIGURA 15 – Endro	p.34
FIGURA 16 – Gengibre	p.34
FIGURA 17 – Chapéu de couro	p.35
FIGURA 18 – Guaco	p.35
FIGURA 19 – Erva doce	p.36
FIGURA 20 – Hortelã	p.36
FIGURA 21 – Tanchagem	p.37
FIGURA 22 – Horta Medicinal Escolar	p.39
FIGURA 23 – Casa da Memória	p.44
FIGURA 24 – Capela que representa a primeira igreja da comunidade	p.44
FIGURA 25 - Fogão taipa de barro	p.45
FIGURA 26 – Artefatos da História do Quilombo	p.45

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Plantas de uso medicinal utilizadas no Quilombo João Surá p.27

LISTA DE ABREVIATURAS

CEQDR	Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos
CRQs	Comunidades Remanescentes de Quilombos
LECAMPO	Licenciatura em Educação do Campo
UFPR	Universidade Federal do Paraná
PA	Projeto de Aprendizagem
PEL	Parque Estadual das Lauráceas
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 01 - TERRITÓRIO QUILOMBOLA JOÃO SURÁ E SEU BIOMA ORIGINÁRIO.....	13
1.1 Bioma originário e suas transformações.....	17
CAPÍTULO 02 - PLANTAS MEDICINAIS NOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS QUILOMBOLA.....	24
2.1 Plantas Medicinais mais utilizadas no Quilombo João Surá.....	26
CAPÍTULO 03 - O PAPEL DA ESCOLA QUILOMBOLA NA PRESERVAÇÃO DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E DAS PLANTAS MEDICINAIS.....	40
3.1 O Que é Educação Escolar Quilombola?.....	40
3.2 Metodologia de Ensino no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos.....	42
3.3. Qual a importância da Educação Escolar Quilombola para a Comunidade?.....	43
3.4 Possibilidades Pedagógicas: Conhecimentos Tradicionais sobre plantas medicinais na Escola.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	48
ANEXOS.....	50

INTRODUÇÃO

Meu nome é Cintia, tenho 22 anos. Sou filha de pais agricultores e quilombolas, moro na Comunidade Quilombola de João Sura em Adrianópolis- PR, e desde minha infância, me lembro que minha família usou plantas medicinais para o tratamento e preservação da saúde no cotidiano. Nossos ancestrais sempre ressaltaram a importância de compartilhar os conhecimentos tradicionais sobre essas plantas com as novas gerações, tornando-as presente no dia a dia das crianças e jovens da comunidade.

Minha relação com as plantas e seu uso medicinal aumentou quando tive minha filha, pois sempre utilizei chás calmantes e chás para resfriados com ela. Compreendendo a importância desse tema, busquei aprofundar pesquisando os conhecimentos tradicionais quilombolas sobre as plantas.

Assim, este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada durante o Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LECAMPO) – Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Setor Litoral. Ela iniciou a partir da realização do módulo Projetos de Aprendizagem (PA) que perpassa todo o curso, e se estendeu para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

O foco deste trabalho são as plantas medicinais que pertencem ao bioma originário da Comunidade Quilombola João Sura, localizado no município de Adrianópolis, região do Vale do Ribeira no estado do Paraná. Os principais objetivos que guiaram toda nossa pesquisa foram: sistematizar os conhecimentos quilombolas das plantas de uso medicinal neste bioma originário, ao mesmo tempo em que analisar como a Escola Quilombola Diogo Ramos, localizada nesta comunidade, tem contribuído na preservação dos conhecimentos tradicionais sobre as plantas medicinais.

A Comunidade Quilombola João Sura tem uma grande variedade de ervas medicinais. O uso delas vem dos saberes ancestrais, de nossos antepassados, que foram compartilhados de geração em geração em geração até os dias atuais. Esses conhecimentos ajudaram e ajudam integrantes dessa comunidade que acreditaram e acreditam nesses saberes diante das situações de adoecimento, ou de prevenção de algum problema de saúde.

É interessante destacar que os mais velhos adquiriam esses conhecimentos e saberes tradicionais através da experiência, mesmo sem saber ler ou escrever. Isso demonstra que o conhecimento não é somente aquele produzido por cientistas que fazem experimentos e estudos em laboratórios, mas também aquele produzido a partir da prática cultural dos povos tradicionais.

Como parte da metodologia da pesquisa realizada, fizemos um levantamento das plantas medicinais e as formas de sua utilização com a intenção de que essa sistematização pudesse ficar registrada para uso da comunidade. Esse levantamento foi feito a partir de entrevistas com as pessoas mais antigas da comunidade.

Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica, onde pudemos relacionar esses conhecimentos tradicionais com os conhecimentos científicos já sistematizados sobre essas plantas em livros ou artigos. O diálogo entre os conhecimentos tradicionais, historicamente construído na comunidade, e os conhecimentos já sistematizados nos proporcionou compreender melhor suas relações.

É importante ressaltar que apesar de ter diversas plantas medicinais no bioma originário deste território, muitos conhecimentos sobre o uso delas foram perdidos com o passar do tempo. Isso se deve ao motivo de que a oralidade é a principal forma de socialização de saberes junto aos povos tradicionais. Uma realidade que está presente no Quilombo João Surá. Também é importante destacar que nos últimos anos, com a propaganda do uso de remédios industrializados no território, cresceu também o número de informações enganosas com relação às sabedorias tradicionais e locais, uma atitude que somou nesse processo de invisibilização e apagamento da memória coletiva.

Na atualidade, muitos jovens não tem interesse em aprender sobre quais plantas são medicinais e suas finalidades. Preferem o uso de remédios alopáticos, que são baseados nas propriedades químicas das plantas medicinais, transformados em comprimidos e comercializados através da indústria farmacêutica, do que os remédios de base homeopática, com o uso de chás, emplastos ou tinturas que são tão eficazes quanto, ou, em muitas situações ainda mais eficientes.

Para apresentarmos os resultados deste trabalho, organizamos quatro capítulos. No capítulo 01 fazemos uma breve contextualização do território quilombola de João Sura, destacando aspectos de seu bioma originário. Nos referimos ao bioma originário porque com a crescente plantação de pinus na região, uma espécie não originária da mata atlântica, muitas outras espécies podem se somar ao território.

No capítulo 02, buscamos apresentar alguns elementos sobre os conhecimentos tradicionais quilombolas no uso medicinal das plantas, bem como indicar as mais utilizadas no Quilombo João Surá. No capítulo 03, com a preocupação na continuidade da socialização destes saberes tradicionais, voltamos nosso olhar para a Escola Quilombola Diogo Ramos, uma escola localizada dentro do território e que tem promovido práticas culturais de preservação destes saberes.

Assim, com este trabalho, pretendemos deixar um registro reflexivo sobre os conhecimentos tradicionais no uso medicinal de certas plantas da mata atlântica, mas também possibilitar que esse estudo possa ser compartilhado com a juventude quilombola na intenção de reavivar o desejo de conhecimento pelos saberes tradicionais da comunidade.

CAPÍTULO I

TERRITÓRIO QUILOMBOLA JOÃO SURÁ E SEU BIOMA ORIGINÁRIO

Os quilombos foram formados por negros e por negras que se rebelaram contrários ao sistema escravocrata e buscavam refúgio e liberdade nas florestas (MIRANDA, 2009). A comunidade João Sura, de remanescentes de quilombo, tem um grande contexto histórico, pois são mais de 200 anos de existência. Está localizada no município de Adrianópolis, região do Vale do Ribeira, no estado do Paraná, e tem aproximadamente 57 famílias. A comunidade é formada por três núcleos: o núcleo João Surá, o núcleo Poço Grande e o Guaracuí, que se encontra aproximadamente 56 quilômetros da sede. João Sura é uma das várias Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQ) existentes em Adrianópolis, como podemos observar no mapa abaixo.

FIGURA 01 – Comunidades Quilombolas no Município de Adrianópolis - PR



Fonte: <https://images.app.goo.gl/pYECE93mWzjrFw9Z9>

O Quilombo João Sura faz limite com o Parque Estadual das Lauráceas (PEL), uma reserva ambiental que foi criada em 1979 com o objetivo de conservar a biodiversidade local. Na atualidade este parque tem aproximadamente 30.001 hectares, sendo o maior parque estadual do Paraná, com sua última atualização de expansão ocorrendo no ano de 2009. O parque abrange um dos últimos trechos de Mata Atlântica preservadas na região, e tem seu nome motivado pela presença da família botânica *laurácea*, que se referem as espécies de canelas em geral. O parque em sua dimensão geral está situado nos municípios de Adrianópolis e Tunas, no Estado do Paraná. (INSTITUTO ÁGUA E TERRA, 2022)

Com mais de 215 anos de cultura e resistência, a Comunidade João Sura luta pelo seu território que de alguma maneira sofre consequências com uma certa sobreposição do Parque Estadual das Lauráceas, e em parte com o cercamento de grandes latifúndios que fazem fronteira. Esses latifúndios em sua grande maioria são de plantações de pinheiros (*Pinus*) que é originário do bioma da Carolina do Norte (Estados Unidos da América), e do eucalipto (*Eucalyptus*), que é originário do bioma da Austrália.

Nesta situação, a comunidade é empurrada contra o Rio Pardo que faz parte da Bacia Hidrográfica do Rio Ribeira, onde as famílias não tem espaço para fazer plantio de alimentos para seu consumo e também é prejudicada pelo secamento de nascentes de água que abastecem a comunidade. Os moradores que tem terreno em sua maioria são herdeiros e algumas dessas áreas fazem divisa com o Parque Estadual das Lauráceas (PEL)

Existem moradores da comunidade trabalham no PEL, sendo que alguns retornam para casa só nos fins de semanas. Outros trabalham na empresa de pinus. Alguns trabalham no colégio como professores, pedagogo, secretário, merendeira e serviços gerais.

A comunidade segue confiante que nos próximos anos seja eleito um presidente que assine o documento de regularização do território quilombola, uma área de 6.422.2171 hectares como pertencente à Comunidade Remanescente de Quilombo João Sura.

Os próximos passos quanto ao processo de regularização do território quilombola serão: a) as publicações dos Decretos de Desapropriação por Interesse Social, a serem assinados pela Presidência da República; b) a fase de instrução com as desapropriações de imóveis particulares e indenizações; c) por fim, demarcar e titular o território.

João Sura, teve historicamente vários problemas como falta de infraestrutura e políticas públicas. Os avanços que se concretizaram na comunidade foram através de muita luta, mas há muito ainda o que construir.

Em 2005, os moradores e as moradoras da comunidade João Sura formaram uma associação jurídica para representá-los na luta por seus direitos, chamada de Associação dos Remanescentes de Quilombo do Bairro João Sura. Foi nesse cenário que o Grupo de Trabalho Clovis Moura (2005-2010) chegou à João Sura quando realizava um levantamento das Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs), Terras de Pretos e Comunidades Negras Tradicionais no Estado do Paraná. Em parceria com este grupo, a comunidade unificou-se, sendo reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como uma Comunidade Remanescente de Quilombo (CRQ).

Com o levantamento efetuado desde 2005 pelo Grupo de Trabalho Clóvis Moura, as comunidades se tornam conhecidas “oficialmente”, sendo que trinta e seis encaminharam e obtiveram certificado de auto-reconhecimento emitido pela Fundação Cultural Palmares. Por solicitação de algumas dessas, o INCRA deu início a onze Relatórios Técnicos Antropológicos para promover a sua regularização fundiária. Os agentes sociais, anteriormente apontados como “posseiros” ou “sem terras”, agora se atribuem a denominação de “comunidades quilombolas”, e é dessa forma que buscam vários direitos, entre eles a retomada dos territórios tradicionalmente ocupados. (CLOVIS MOURA, 2010, pag. 39).

Segundo a vice-presidente da associação, dona Santina Fogaça, já na constituição da Associação dos Remanescentes de Quilombo do Bairro João Sura se fortaleceram as lutas pelo colégio dentro da comunidade para facilitar o estudo de jovens e crianças; por médicos e assistência à saúde; por melhoria de condições das estradas, entre outras pautas. As reuniões saíam cada 15 dias ou uma vez por mês. As pessoas se reuniam na sala da Escola Municipal do Campo João Sura¹ ou debaixo de um barracão para discutir sobre as reivindicações. (Entrevista com Santina Fogaça, Vice-Presidente da Associação, realizada em dezembro de 2021)

Antigamente, os jovens da comunidade estudavam no Colégio Estadual do Campo Porto Novo, localizado no Bairro Porto Novo, localizado a 30 quilômetros de João Surá. Mas, pela falta de manutenção das estradas era um sofrimento para os estudantes se deslocarem até a escola que acabavam com pouca frequência nas aulas.

Nesta época, havia somente a Escola Rural Municipal de João Surá no território. Essa escola, com uma pequena estrutura tinha apenas uma sala de aula, cozinha e dois banheiros (feminino e masculino). Atendia as séries do 1º ano ao 4º ano, em sala multisseriada com um professor, sendo ele mesmo o cozinheiro e zelador da escola

¹ Uma escola localizada no território que atua na educação de crianças no Ensino Fundamental I.

A construção da associação foi um passo fundamental para melhorar as condições de vida das famílias, principalmente em relação à educação, à saúde, comunicação, à manutenção das estradas. Uma de suas maiores conquistas é a construção do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos que realiza a educação do ensino fundamental II e do Ensino Médio.

No ano de 2006 a comunidade estava completando 200 anos, onde foi celebrado uma conferência que teve a presença do Secretário de Educação do Paraná. Devido às condições escolares que relatamos acima, uma mãe, dona Santina Fogaça, expôs as dificuldades de acesso à escola pública tanto de seus filhos quanto aos demais adolescentes da comunidade. Segundo ela:

Eu não imaginava que ia tocar na consciência do governo, não só aqui na nossa comunidade, mas nas outras também, né [...] Quando eu cobrava, falava, reclamava da situação das crianças, eu não levei só problema dos meus filhos, eu falei: “problema de um é problema de todos, não só dos meus filhos, mas de todas as crianças” [...] Foi o que eu falei. Quando eu falava de educação eu falava de todos. (Depoimento com Dona Santina Fogaça, realizado em 2020)².

Em 2009 foi realizada a construção provisória do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos no território, e em 2014 iniciou a construção do prédio definitivo do colégio. Devido a vários acontecimentos a obra foi embargada e a construção parou. Mas, o prédio foi ocupado e através de tanta luta e persistência da associação, pais e mães, alunos e a equipe pedagógica do colégio, a obra foi retomada no ano 2022 para finalização da construção

O colégio tem esse nome em homenagem ao primeiro professor do bairro que ensinava a ler e escrever numa casa de palmito juçara (*Euterpe edulis*), uma palmeira nativa da Mata Atlântica. A presença do colégio na comunidade facilitou muito a aprendizagem das crianças, jovens e adultos nos últimos anos, trazendo inclusive a oportunidade de se inscrever e realizar cursos de graduações, inclusive o Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral que realizou uma de suas turmas na comunidade, a turma Paulo Freire (2015-2019).

A comunidade tem sua religiosidade junto à igreja católica, onde o padroeiro é Santo Antônio. Tem um barracão de festa, no qual são realizados todos os anos as celebrações do seu dia, como as trezenas, levantamento do mastro, a queima da fogueira e a procissão. Também é realizada a acolhida da Bandeira do Divino nas casas, que passa uma vez por ano na

² Esse depoimento encontra-se no Facebook Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos Disponível em: https://www.facebook.com/CEQDIOGORAMOS/?locale=pt_BR acesso em junho de 2023.

comunidade, sendo uma do município de Adrianópolis, e a outra da Comunidade de Praia Grande município de Iporanga – São Paulo, e, quando alguma família faz uma promessa e recebe a graça são realizadas as romarias de São Gonçalo, além das orações durante a quaresma. Ainda temos como lugar de oração o Morro do Cruzeiro, onde os moradores realizam a subida duas vezes ao ano (uma na sexta-feira Santa e outra no dia 14 setembro, dia de Santa Cruz). Durante a subida, as pessoas rezam o terço ou fazem a via-sacra na sexta-feira santa.

A comunidade tem uma cultura muito forte, tanto para a culinária quanto como as celebrações a respeito das datas religiosas, que também são da trajetória da ancestralidade quilombola. A comunidade busca manter sua cultura culinária, mantendo os pratos típicos como por exemplo: o “beiju”; a “apressada”; o pastel de farinha de milho; o cuscuz de arroz; a paçoca de carne de porco; a paçoca de amendoim; o chá de amendoim; a pamonha; o curau de milho; melado de cana; rapadura, entre outros. O milho, a mandioca, o amendoim, o arroz e a cana são plantas cultivadas na comunidade para a subsistência das famílias.

No Domingo de Ramos, é celebrado a Santa Missa na comunidade, onde o costume é que cada família leve um ramo para a celebração e o benzimento. Atualmente, alguns moradores começaram a levar folha de coqueiro para ser benzido, que depois pode ser utilizado para defumação ou queima quando ocorrer o caso de alguém ou a família estiver passando por uma tormenta. As plantas também tem o sentido religioso de proteção na comunidade quilombola.

É parte também da cultura quilombola o uso medicinal de plantas para tratamento de problemas de saúde. Os conhecimentos tradicionais sobre estas plantas foi o que manteve a comunidade ao longo dos anos, pois o acesso à saúde pública desde sua formação, não foi fácil. E para isso foi fundamental o papel dos curandeiros e curandeiras na comunidade, assim como do conhecimento do uso medicinal de determinadas plantas do bioma deste território.

1.1 Bioma Originário e suas Transformações

O bioma originário do território onde se estabeleceu a Comunidade Quilombola João Surá é o da Mata Atlântica, um dos biomas brasileiros mais ameaçados na atualidade. É composto por floresta tropical e se estende em toda a costa leste do país, do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte). A Mata Atlântica também está presente na região leste do Paraguai e Argentina.

São parte do bioma da Mata Atlântica espécies de árvores como: Ipê (*Handroanthus*); Pinheiros (*Araucária Angustifolia*); Palmito Jussara (*Euterpe edulis*); Pau Brasil (*Paubrasilia*

echinata) e Cedro (*Cedrela fissilis*). Também, as bromélias (*Bromeliaceae*) que se constituem como habitat para vários insetos e anfíbios, e as orquídeas (*Orchidaceae*). Entre os animais podemos citar as onças pintadas, araras, tucanos, harpias (que estão em processo de extinção), os mico-leões, capivaras, bicho-preguiça, e, entre os insetos várias espécies de abelhas.

Segundo o Instituto Brasileiro de Florestas (2022), desde o processo de colonização portuguesa no Brasil, várias espécies de árvores da Mata Atlântica têm sido destruídas. A primeira delas, a ser explorada e enviada para Portugal foi o Pau Brasil (desde 1502), que inclusive levou ao nome de nosso país que era chamado de *Terra Brasilis*. O Pau Brasil era chamado pelos indígenas Tupi Guarani de Ibirapitanga, que significa “árvore vermelha”. Na tradução literal, Brasil significa vermelho como brasa.

Ainda, segundo o Instituto Brasileiro de Florestas (2022), a vegetação da Mata Atlântica foi sendo destruída com a expansão dos cultivos em larga escala de cana-de-açúcar, café e algodão, assim como os processos de extração mineral. Outras espécies de árvores encontram-se em extinção como por exemplo a Sucupira (*Pterodon emarginatus*); a Canela (*Cinnamomum verum*), o Jacarandá (*Jacarandaeae*) e a Peroba (*Aspidosperma polyneuron*).

A comunidade João Surá faz fronteira com o Parque Estadual das Lauráceas, atualmente é o maior do estado do Paraná, e busca preservar o bioma da Mata Atlântica. Criado em 1979 com uma área inicial de 9.700 hectares. No decorrer do tempo, o parque passou por um processo de ampliação, a partir do Decreto nº 5.894, que em 1989 ampliava sua área para 23.863 hectares; e pelo Decreto nº 4.362, que em 1994 estendia sua área para 27.524 hectares. Sua última ampliação ocorreu em 2009, quando o parque passou a ter a área atual, 30.0001 hectares. (INSTITUTO ÁGUA E TERRA, 2022)

Um parque que assumiu o nome da família botânica das canelas (*Lauraceas*), por ser um território que ainda abriga estas árvores. Em relação à flora presente na região, e conservada pelo parque foram identificadas 750 espécies, das quais 39 estão ameaçadas, como o caso do Palmito Juçara (*Euterpe edulis*), e das lauráceas a Imbuia (*Ocotea porosa*) e Canela – coqueiro (*Ocotea catharinesis*). (INSTITUTO ÁGUA E TERRA, 2022)

Na fauna presente no território, foram identificadas 291 espécies de aves, das quais 7,6% encontram-se ameaçadas de extinção, como o caso da jacutinga (*Pipili jacutinga*), gavião-depenacho (*Spizaetus ornatus*), o papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*), o curió (*Orizoborus angolensis*), e gavião-pombo-grande (*Leucopternis polionota*). Também com 76 espécies de mamíferos, algumas em extinção como a paca (*Agouti paca*), a anta (*Iapirus terrestres*), e a onça pintada (*Puma concolor*). (INSTITUTO ÁGUA E TERRA, 2022)

Compreendemos que o bioma originário da Comunidade Quilombola João Surá é o que está presente no Parque das Lauráceas, não somente por sua proximidade, mas também pelo fato de que a comunidade em seu modo de vida tem preservado as florestas e sua biodiversidade ao longo dos anos de sua existência.

As comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, estão situadas nesse importantíssimo bioma, em locais onde predominam as formações de Floresta Ombrófila Densa e Floresta Ombrófila Mista. Ocorre que grande parte dessas formações apresenta relevo predominantemente declivoso, restando apenas 7,3% da cobertura florestal desse ecossistema e prevalecendo os fragmentos com formações florestais secundárias. (GRUPO DE TRABALHO CLOVIS MOURA, 2010, p. 52)

Como citado acima, as comunidades quilombolas da região do Vale do Ribeira estão localizadas onde são predominantes a formação de florestas ombrófilas. A floresta ombrófila densa é uma estrutura de muita importância para as funções ambientais, pois contribui para a conservação dos “fluxos hídricos de cabeceiras das bacias hidrográficas”. São florestas encontradas em altitudes mais elevadas e com temperaturas mais baixas, e que possuem uma grande biomassa que vai se decompondo e acumulando matéria prima no solo. Este fato é fundamental para a manutenção da diversidade biológica local. (SHEER; MOCOCHINSKI, 2009)

Já a floresta ombrófila mista é de altitude mais baixas, e, segundo Bertoldo e Oliveira (2014) são mais sensíveis às variações climáticas. Devido a estas características em determinados locais elas já podem não ser mais uma floresta nativa. (BERTOLDO e OLIVEIRA, 2014)

Entretanto, devido aos reflorestamentos de pinus e eucaliptos, criação de gados para engorda como búfalos e boi, é visível que o bioma originário do território vem se alterando. Devido a criação de gados de engorda para reprodução, os fazendeiros que circundam a comunidade cultivavam o capim-braquiária (*Brachiaria decumbens*) e capim-colonião (*Panicum maximum*), essas espécies de capim se disseminam rapidamente devido a polinização através dos animais e do vento, chegando a grandes extensões, mesmo em propriedades de grande distância. (PEREIRA; FERREIRA In PAULA; et al, 2021)

Grandes extensões de plantio de pinus têm também um grande impacto no meio ambiente. Muitos destes impactos podem ser percebidos tanto a curto prazo como longo prazo. Os primeiros são os causados às famílias camponesas e de comunidades tradicionais, pois muitas empresas se aproveitam da simplicidade destas pessoas e as convencem a vender suas terras.

Famílias que não se dispõem a vendê-las naquele momento são ameaçadas, ou eram vencidas pelo cansaço.

Muitas empresas usam o termo “reflorestamento”, mas se utilizam do pinus e do eucalipto para fins comerciais. Não tendo nenhuma relação com a floresta do bioma originário e com a própria biodiversidade local. Como destaca o Repórter Brasil (2011), estas são árvores plantadas em monocultivo consomem muita água “prejudicando o fluxo de rios e córregos”, podendo chegar até um estágio de seca completa. (REPORTER BRASIL, 2011, p. 5)

O monocultivo destas árvores, também chamado de “reflorestamento”, ao contrário de uma floresta nativa, não consegue abrigar uma variedade de “espécies de flora e fauna”. O uso de agrotóxico para matar as gramíneas é grande, e sobre essas plantações, depois de um tempo, não crescem outras plantas, tornando-se um ambiente deserto da biodiversidade, e por isso esses monocultivos são chamados de “deserto verde”. (REPORTER BRASIL, 2011, p. 6)

O Reporter Brasil (2011) alerta que:

Cada vez mais ganha destaque o chamado “reflorestamento”, muitas vezes apresentado como solução para reduzir a degradação do meio ambiente. As plantações em larga escala de eucalipto e pinus abastecem principalmente indústrias de papel e celulose, fábricas de móveis e de produtos de madeira, além de siderúrgicas que necessitam de carvão vegetal para produção de ferro-gusa, componente na fabricação do aço. O monocultivo dessas duas árvores vem tomando espaço no campo brasileiro, com forte investimento do governo federal. (REPORTER BRASIL, 2011, p.4)

No depoimento de José Cordeiro em entrevista, ele comenta que a comunidade tem percebido essas alterações na natureza, e as consequências dessas mudanças para a população neste território. Em suas palavras:

Porque, principalmente, tem uma fazenda aqui. Tem todos estes riachos, grotas..., tem um gado lá em cima. Eles sujam lá em cima, com uma chuva destas, essa sujeira vem tudo pro rio. Vai sujar nossa água, o rio, que é onde tem os peixes para alimento. Este pinus [quando passam veneno] fica tudo seco por baixo. Muita gente foi no rio para tarrafiar, aonde passava água, vinha com coceira na perna. [...] Com um capãozinho de pinus vai prejudica nossa água, porque a bacia lá embaixo vai diminuindo. [...] As pessoas vão desanimando, chega ao ponto final das pessoas. (Entrevista com José Cordeiro, 66 anos, realizada em 2009)³

³ Esse depoimento encontra-se numa cartografia social da Comunidade. Referência: ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DE QUILOMBO DO BAIRRO JOÃO SURÁ. **Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil**. Fascículo 02. Comunidade Quilombola de João Surá. Adrianópolis-PR, junho 2009. Disponível em: <https://seppirhomologa.c3sl.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/3109/01%20COMUNIDADE%20QUILOMBOLA%20JOAO%20SURA.pdf?sequence=-1&isAllowed=y> Acesso em junho de 2023.

O pinus e o eucalipto não são nativos do Brasil. O pinus vem da região da Carolina do Norte (Estados Unidos da América), e o Eucalipto da Austrália. Essas plantas, ao invés de trazer benefícios ao meio ambiente causam sérios impactos, como a diminuição de fontes de água. Prejudicam também os solos férteis. A presença destas espécies vem diminuindo e transformando a biodiversidade do local, principalmente a diversidade de plantas de uso medicinal, e as árvores frutíferas, fazendo com que as aves que se alimentam delas ataquem as plantações dos produtores quilombolas, por falta de alimentação. São árvores exóticas plantadas em grande quantidade para sua comercialização sem uma preocupação de seus impactos no meio ambiente. Várias organizações sociais que atuam no campo, como por exemplo, os quilombolas, tem feito críticas sobre o impacto ambiental e social que estes monocultivos tem deixado:

Apesar do suporte oficial e da pujança econômica do setor, a verdade é que há tempos a expansão do complexo agroindustrial apoiado na monocultura em larga escala de *árvores exóticas* vem sendo objeto de pesadas críticas feitas por movimentos sociais, por organizações não-governamentais e até mesmo por autoridades – como procuradores do Ministério Público Federal. Na contramão do discurso de sustentabilidade ambiental e responsabilidade social defendido por empresários e integrantes do próprio governo, que preferem chamar a silvicultura de “reflorestamento”, estão diversas entidades da sociedade civil. Reunidas, principalmente, na Rede Alerta contra o Deserto Verde, denunciam **impactos de ordem social**, como o avanço da monocultura sobre territórios ocupados tradicionalmente por povos indígenas, quilombolas e camponeses, além de **consequências negativas para o meio ambiente**, como a redução da biodiversidade e esgotamento de corpos hídricos, nas áreas em que as plantações de pinus e eucalipto têm firmado raízes. (REPORTER BRASIL, 2011, p.5)

Especificamente no caso do eucalipto, é importante destacar que é uma espécie de crescimento rápido, ou seja, necessitam de maior consumo de água em comparação com as espécies da vegetação nativa, o que pode causar uma redução do “recurso hídrico” nas regiões onde são plantadas. (REPORTER BRASIL, 2011, p.8)

O monocultivo em larga escala num território também desgasta o solo, como podemos ver na citação abaixo:

O manejo não adequado das plantações pode contribuir para a **erosão** e para a **perda de nutrientes**. Qualquer monocultura em larga escala, seja ela uma vasta pastagem, uma lavoura de soja ou uma plantação de cana-de-açúcar, contribui para o **desgaste de recursos naturais** – como o solo – essenciais à preservação da integridade das fontes hídricas. Não raro, o plantio de eucalipto e pinus se instala em locais de histórico desrespeito à legislação ambiental, onde os danos se encontram acumulados há décadas pelo mau uso do espaço

agrícola. Devido à extensão e ao adensamento das árvores, que crescem em rápida velocidade, as fontes de água e o solo são ainda mais deteriorados. (REPORTER BRASIL, 2011, p.8)

Podemos visualizar nas fotos abaixo as transformações na paisagem deste território, antes e depois do avanço do plantio do “deserto verde”.

FIGURA 02 – Morro do Cruzeiro antes do “reflorestamento”



Fonte: Foto do Arquivo da Comunidade

FIGURA 03 – Morro do Cruzeiro anos após o “reflorestamento” (19.04.2019)



Fonte: Foto de Roselaine da Silva

Em relação às comunidades camponesas e tradicionais, os principais conflitos que esses monocultivos provocam são os de acesso à terra, à água e aos recursos naturais, assim como o desequilíbrio ambiental no território. É muito comum hoje em dia, encontrar cobras nas áreas das casas em busca de alimentos, ou mesmo pássaros atacando as plantações de arroz. A comunidade quilombola João Surá tem sofrido as consequências desses monocultivos que a cercam, desde aproximadamente o ano de 1980, onde se iniciam esses plantios.

Também, são ameaças ao bioma originário desta região: a extração do palmito, a captura de animais silvestres, o fogo, o desmatamento, a depredação de grutas e cavernas, e a inserção de outras espécies exóticas além do pinus, eucalipto e o capim para pastagem.

A Comunidade Quilombola João Surá, que historicamente preservou e cuidou da mata nativa, vem também sofrendo as consequências do avanço desses monocultivos e desta devastação da biodiversidade local. O PEL, é ainda um espaço que mantém a preservação do bioma, muito embora também impacta nossa comunidade na medida em que proíbe plantios em determinados locais e as formas de manejo da floresta que tradicionalmente os quilombolas faziam, um manejo sem impactar sua biodiversidade e respeitando profundamente os ciclos da natureza.

O conhecimento tradicional quilombola deste território, de suas matas, suas plantas e seus animais foram sendo construído de geração em geração, mas com estes conflitos que descrevemos acima, seus impactos tem atingido diretamente a natureza, a comunidade quilombola, sua cultura e seus conhecimentos tradicionais. Os quilombolas e natureza resistiram e resistem nesse território reafirmando que a diversidade e a biodiversidade são parte desta nossa casa chamada Terra.

CAPÍTULO 02

PLANTAS MEDICINAIS NOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS

QUILOMBOLA

A primeira pergunta que fazemos é o que são conhecimentos tradicionais?

O conhecimento tradicional, também conhecido como conhecimento local, se refere aos saberes culturais e tradições. Um conjunto de saberes sobre o que é? e como fazer? que são compartilhados através da oralidade e práticas de geração em geração, preservando a identidade comunitária.

De acordo com Preta Terra (2022), o:

Conhecimento tradicional é todo aquele que faz parte da cultura de um local, faz parte das práticas usadas rotineiramente, é passado de geração em geração, diz respeito a um uso ou costume, é adotado por uma família ou uma comunidade. Ter em mãos esse conhecimento é a chave para criar sistemas produtivos aderentes, especialmente quando falamos dos sistemas biodiversos. Isso porque entender esses fatores direciona a escolha de espécies, seu manejo e seus produtos. (PRETA TERRA, 2022, n/p)

Saberes tradicionais são todos os conhecimentos que envolvem um território, e produzidos por um povo e sua identidade, tornando sua defesa, força, oportunidades, independente de qual seja sua origem e crenças. Sendo assim nas comunidades quilombolas são produzidos conhecimentos específicos, que podemos dizer, que estão articulados diretamente à sua cultura de resistência. Os quilombos em sua origem são territórios de resistência formados por negros escravizados que fugiam de fazendas no período colonial e se escondiam nas florestas construindo uma nova forma de vida. Foi uma das primeiras formas de autodefesa, de luta pela liberdade e contra a discriminação racial.

Os conhecimentos tradicionais, portanto, vem da experiência, da prática da comunidade na sua relação com a natureza, e é permeada de muita resistência destes povos. O conhecimento tradicional nesse sentido, é parte também da resistência de seu povo.

É importante destacar aqui que os conhecimentos científicos ou produzidos academicamente não são incompatíveis ou concorrentes dos conhecimentos tradicionais. A produção e a sistematização do conhecimento é parte da história da humanidade. E,

frequentemente os conhecimentos científicos se baseiam nos conhecimentos tradicionais. Diante desse contexto, o conhecimento científico, através de estudos, testes e observações, vem reafirmando que o saber tradicional em relação as ervas medicinais são eficazes.

Mas, ao mesmo tempo, é necessário estar atento em relação a como empresas vem se apropriando dos conhecimentos tradicionais, em nome do conhecimento científico, e patenteiam esses saberes, se apropriam com a finalidade da comercialização. Esse processo pode se tornar uma ameaça para as comunidades, pois muitas das vezes essa apropriação não indica nenhuma retribuição à comunidade que produziu os saberes originários. É o caso do patenteamento de sementes e do uso de plantas medicinais na produção de remédios e cosméticos por determinadas empresas. O patenteamento de conhecimento se dá através do regime de “propriedade intelectual” que inicia sua existência na década de 1980, e se constituem como extensão da “propriedade industrial”, onde se busca privatizar o conhecimento que pode ser de uma escrita, ou da genética, ou do uso de determinada planta. Essa situação cresceu junto com a implementação de políticas neoliberais nos diferentes países. (SANTOS, 2006)

Concordamos com Santos (2006) quando afirma que os “direitos de propriedade intelectual” trata-se de uma colonização da natureza, da cultura e da informação. E, muitas das vezes, esses conhecimentos produzidos junto aos povos tradicionais são apropriados, privatizados e comercializados. Os anciões gostam de ser ouvidos, e para eles esses conhecimentos são algo simples, de seu cotidiano que chegam a ser compartilhados através de diálogos. No caso das comunidades quilombolas e remanescentes de quilombos, seu encontro com a natureza, com as florestas se deu num processo de resistência à escravização do negro. O conhecimento que produziram desde essa relação é um conhecimento tradicional que envolve natureza. Como afirma a CONAQ:

E é exatamente neste ponto que o destino de negros e das florestas se encontram, pois o mesmo processo que tornou o negro mercadoria, força de trabalho escravizada em benefício de uma minoria branca também consumiu ferozmente os recursos naturais disponíveis no país, sendo as florestas atlânticas as primeiras a sofrerem drástica redução. (CONAQ, [s.d.], n/p)

Os saberes tradicionais das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira são transmitidos a partir da oralidade, e são mantidos através da memória histórica de sua cultura, ancestralidade, e visão “étnico-territorial”. O território se constitui “como fonte de vida”. Sua relação com a natureza é a principal “fonte de alimentação e trabalho” através das roças de subsistência, é a principal fonte de saúde, na relação com as plantas de uso medicinal, e sua

principal fonte da produção de cultura e conhecimento. E nesse sentido a preservação e a conservação da natureza é de grande importância. (AMÉRICO; DIAS, 2019, p.159-160)

Os conhecimentos tradicionais quilombolas sobre a natureza e sobre a relação entre ser humano e natureza vem de sua ancestralidade, mas sobretudo se reconstróem nos territórios de resistência a partir da necessidade e da biodiversidade existente no local.

No caso da comunidade João Surá, seus conhecimentos tradicionais sobre as árvores, sobre os animais e insetos, sobre as águas e os peixes, sobre os ciclos da natureza especificamente neste bioma, sobre a diversidade vegetal no território, possibilitou sua sobrevivência e seu sustento no decorrer dos anos. O uso das plantas pelos quilombolas ocorre de várias formas, tanto para a alimentação, ornamentação, quanto para o tratamento e a cura de doenças.

Os recursos naturais encontrados nas florestas também fazem parte do conhecimento e da trajetória dos povos indígenas (seja física, mas também espiritual), as plantas que são utilizadas por eles não são cultivadas, e sim fazem parte da mata local, onde são localizadas suas aldeias. Esta de forma de cultivo torna seu uso sustentável respeitando a biodiversidade. Os conhecimentos da medicina tradicional indígena também são compartilhados através da prática e oralidade aos jovens.

Os povos indígenas são os povos originários do Brasil, sendo que suas aldeias eram distribuídas pelo território brasileiro, portanto tinham várias nações indígenas antes da colonização do país, mas após a chegada dos europeus ocorreu a sua desterritorialização. Foram usados como mão de obra escrava e foram acometidos com doenças que chegaram com os colonos.

Os conhecimentos tradicionais quilombolas sobre as plantas medicinais foram também dialogados com os conhecimentos tradicionais dos indígenas que aqui viviam, e envolvem conhecimentos da biodiversidade local; do manejo, cultivo e cuidado com essas plantas - um conhecimento etnobotânico articulado ao conhecimento sobre a saúde da população quilombola. Um conhecimento que envolve cultura; ecologia e um profundo respeito aos ciclos da natureza.

2.1 Plantas Medicinais mais utilizadas no Quilombo João Surá

A Comunidade Quilombola João Surá tem uma diversidade em tipos de plantas medicinais em seu território, algumas trazidas de outras regiões e outras nativas. As mais

utilizadas são: pacova (caitezinho); o sabugueiro; a erva santa maria; laranja grande; limão cravo; folha de chuchu; alecrim; boldo; cano do brejo; alevante; quina branca; endro; tanchagem; gengibre; chapéu de couro; guaco; erva doce e hortelã.

Cada uma destas plantas tem um uso medicinal específico que envolve também o manejo, o como utilizá-las.

Abaixo, destacamos um quadro síntese destas plantas, seus nomes populares, nomes científicos, para que são utilizadas e como são utilizadas na comunidade.

QUADRO 1 – Plantas de uso medicinal utilizadas no Quilombo João Surá

Nome popular das ervas	Nome científico das ervas	Nativa ou Exótica (mata atlântica), se exótica qual bioma	Para que utilizá-las	Como utilizá-las
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Nativa	Dor de cabeça e ansiedade	Fazer chá
Alevante	<i>Mentha citrata</i>	Nativa	Bichas e vermes	Fazer o chá junto com o hortelã
Boldo	<i>Peumus Boldus</i>	Exótico	Para o fígado	Deixar curtir a folha em um copo de água
Cana do brejo	<i>Costus Spicatus</i>	Nativa	Pedra no rim	Chá da folha ou do tronco
Chapéu de couro	<i>Echinodorus grandiflorus</i>	Nativa	Para o rim	Fazer o chá da folha
Endro	<i>Anethum graveolens</i>	Informação não encontrada	Dor de cabeça e mal estar	Fazer o chá
Erva doce	<i>Pimpinella anisum</i>	Nativa	Calmanete e utilizado para massagem muscular	pode ser cozinha feito chás cozido, ou também pode ser fresca para fazer puxa pés e massagens em geral no local de dores.
Erva santa maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	Informação não encontrada	Verme	Espremer a erva, colocar o sumo no leite e dar para criança tomar
Folha de chuchu	<i>Sechium edule</i>	Nativa	Pressão alta	Fazer chá da folha
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i>	Nativa	Dor de garganta	Fazer o chá
Guaco	<i>Mikania glomerata</i>	Nativa	Tosse e bronquite	Carameliza um pouco de açúcar depois coloca um pouco da folha de guaco, colocando um pouco de água deixa ferver até formar uma calda grossa.
Hortelã	<i>Mentha spicata</i>	Exótica	Bichas e vermes	Fazer o chá
Laranja grande	<i>Citrus sinensis</i>	Exótica	Gripe	Fazer o chá utilizando folhas

Limão cravo	<i>Citrus bigaradia</i>	Exótico	Gripe	Pode utilizar o suco junto a outras ervas feito chá ou mel
Pacova	<i>Philodendron martianum</i>	Nativa	Mal estar	Mastigar a semente crua, ou torrar, moela e colocar em um copo de água
Quina branca		Nativa	Sintomas de gripe e controlar diabetes	Fazer chá, ou deixar curtida em um copo de água
Tanchagem	<i>Plantago major</i>	Nativa	Combate infecção	Fazer o chá

Fonte: Quadro organizado por Cintia de Cristo Ramos a partir de informações entrevistas e livros sobre o tema.

O quadro acima representa uma síntese de informações que foram adquiridas através de entrevistas com representantes da comunidade, e do estudo em livros, site e artigos que tratam do tema.

Destacamos a seguir algumas fotos destas plantas que citamos no quadro acima.

FIGURA 04 – Cano do Brejo



Fonte: Foto de Cintia de Cristo Ramos

FIGURA 05 – Pacova



Fonte: Imagem disponível no site **Colecionando Frutas**⁴

FIGURA 06 – Erva Santa Maria



Fonte: Imagem disponível no site: **Horto Didático de Plantas Medicinais do FU/CCS - UFSC**⁵

⁴ Disponível em: <https://www.colecionandofrutas.com.br/renealmiapetasites.htm> Acesso em maio de 2023.

⁵ Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/erva-de-santa-maria/> Acesso em Maio de 2023

FIGURA 07 – Laranja Grande



Fonte: Imagem disponível no site: [Jardineiro.net](https://www.jardineiro.net)⁶

FIGURA 08 – Limão Cravo



Fonte: Foto de Cintia Ramos

⁶ Disponível em: <https://www.jardineiro.net/plantas/laranja-citrus-sinensis.html> Acesso em Maio de 2023

FIGURA 09 – Chuchu



Fonte: Imagem disponível em **Google Imagens**⁷

FIGURA 10 – Alecrim



Fonte: Imagem disponível no Site **Universa Uol**⁸

⁷ Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/2f/b5/d0/2fb5d021c88e26e881abd633bd6421cf.jpg>
Acesso em maio de 2023.

⁸ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/04/11/alecrim-funcho-e-mais-plantas-que-atraem-prosperidade-para-se-ter-em-casa.htm> Acesso em maio de 2023.

FIGURA 11 – Cipó Mil-Homem



Fonte: Imagem disponível no site **Malagueta Produtos Naturais**⁹

FIGURA 12 – Boldo



Fonte: Imagem disponível em **Pinterest**¹⁰

⁹ Disponível em: <https://www.malaguetaprodutosnaturais.com.br/cha-cipo-mil-homens-30g-aristolochia-triangularis> Acesso em Maio de 2023

¹⁰ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/739575570027151255/> Acesso em Maio de 2023.

FIGURA 13 – Alevante



Fonte: Imagem disponível no site **Oficina das Ervas**¹¹

FIGURA 14 – Raiz de Quina Branca



Fonte: Foto de Cintia Ramos

¹¹ Disponível em: https://www.oficinadeervas.com.br/images/produtos/20190717_152148_levante-2.jpg
Acesso em agosto de 2023.

FIGURA 15 – Endro



Fonte: Imagem disponível no site **Hortas Biológicas**¹²

FIGURA 16 – Gengibre



Fonte: Imagem disponível **Google Imagens**¹³

¹² Disponível em: <https://www.hortasbiologicas.pt/como-cultivar-endro-na-horta/> Acesso em maio de 2023.

¹³ Disponível em: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSPFcojftFx6fBPrD2o-WakErcPkxP3h1g9iA&usqp=CAU> Acesso em maio de 2023.

FIGURA 17 – Chapéu de couro



Fonte: Imagem disponível no Site **Coisas da Roça**¹⁴

FIGURA 18 – Guaco



Fonte: Imagem disponível no site **Jardineiro.net**¹⁵

¹⁴ Disponível em: <https://www.coisasdaroca.com/plantas-medicinais/chapeu-de-couro.html> Acesso em Agosto de 2023.

¹⁵ Disponível em: https://www.jardineiro.net/wp-content/uploads/2011/05/mikania_sp.jpg Acesso em agosto de 2023.

FIGURA 19 – Erva doce



Fonte: Imagem disponível no site **Info Escola**¹⁶

FIGURA 20 – Hortelã



Fonte: Imagem disponível no site **Blog Petz**¹⁷

¹⁶ Disponível em: <https://www.infoescola.com/plantas/anis-erva-doce/> Acesso em Agosto de 2023.

¹⁷ Disponível em: <https://www.petz.com.br/blog/plantas/como-cuidar-de-hortela/> Acesso em Agosto de 2023.

FIGURA 21 – Tanchagem



Fonte: Foto de Cintia Ramos

As entrevistas que realizamos para a coleta de informações sobre estas plantas de uso medicinal na Comunidade Quilombola João Surá, foram feitas em duas etapas. A primeira com 6 adultos, foram 3 mulheres e 3 homens com faixa etária entre 41 anos a 81 anos. A segunda etapa da entrevista foram 4 jovens, todas mulheres faixa etária entre 23 anos a 27 anos, das comunidades Quilombo João Sura e os núcleos Guaracuí e Poço Grande.

Um dos critérios para a seleção dos entrevistados foi a questão geracional. Optamos em identificar um grupo de pessoas mais idosas na comunidade, que carregam uma grande sabedoria sobre o tema, e um grupo envolvendo uma geração mais nova, com o intuito de analisar também como tem se dado a socialização desses conhecimentos.

O roteiro foi desenvolvido com perguntas voltados ao cotidiano dos entrevistados, foi realizada através da plataforma via WhatsApp, devido a pandemia do covid-19.

Essas entrevistas demonstram a importância de que os conhecimentos tradicionais devem ser passados de geração em geração, pois são super importantes para manter a identidade de cada comunidade, a cultura e tradições vivas e presentes do cotidiano dos jovens e crianças.

Através da entrevista realizada com os adultos da comunidade, foi possível observar que os conhecimentos em relação as ervas medicinais estão bem presentes no cotidiano das famílias e estão sendo compartilhados a os mais jovens. Como afirma um entrevistado: “Passei minha infância tomando chás caseiros e até hoje continuo, foi conhecimentos que aprendi com meus pais” (Entrevista realizada com A.C.R, realizada em fevereiro de 2020)

Na entrevista com os jovens foi possível observar que eles têm a dimensão da importância de aprender, preservar e compartilhar esse conhecimento. Como afirma L.R.P:

Na Comunidade João Surá, há muito tempo que são utilizadas, minha avó conta que antes mesmo que usarem esses comprimidos que entregam no posto de saúde, tudo era tratado com as ervas do mato (ervas medicinais), tinham também os curadores (curandeiros), as benzedeiros e benzedeiros que possui um conhecimento mais aprofundado sobre a utilização das ervas sobre determinada enfermidade que a pessoa não estava conseguindo tratar sozinha.

Por todos os conhecimentos que minha família e as famílias da comunidade que sempre em diálogo, ensinam muitos das formas de utilização das ervas medicinais e as histórias das ervas.

A importância dela para a nossa vida, para mim analisando hoje, acredito que seja umas das formas de resistir que nós quilombolas temos contra esse sistema estrutural que está tentando matar nossa identidade, matar os nossos saberes, nossos modos de vida. A resistência por meio do uso das ervas medicinais é também preservar nossa história de muitos anos atrás e também fortalecer uma medicina popular mais saudável e em sintonia com o convívio em equilíbrio com a natureza. (Entrevista com L.R.P, realizada no Quilombo João Surá, em 2021)

É importante ressaltar que a Escola Quilombola Diogo Ramos, localizada dentro do território tem realizado ações educativas que vem recuperando junto às crianças e à juventude a memória e a cultura quilombola, principalmente os conhecimentos tradicionais sobre o artesanato, a produção e o uso das plantas medicinais.

Abaixo apresentamos uma foto da construção de uma horta medicinal escolar.

FIGURA 22 – Horta Medicinal Escolar (2023)



Fonte: Foto de Cintia Ramos

No próximo capítulo, apresentamos algumas reflexões sobre o papel da escola quilombola nesse processo de socialização dos conhecimentos tradicionais em diálogo com os conhecimentos escolares, com o objetivo de fortalecimento comunidade e de sua cultura.

CAPÍTULO 03

O PAPEL DA ESCOLA QUILOMBOLA NA PRESERVAÇÃO DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E DAS PLANTAS MEDICINAIS

Para a cultura quilombola é de extrema importância e o reconhecimento da educação escolar quilombola. Diante disso o colégio recebeu o nome do primeiro professor da comunidade, onde relatam que ele ensinava seus alunos a ler e escrever na casca de palmito juçara. O nome desse professor era Diogo Ramos.

O colégio trabalha com a educação escolar quilombola, que por sua vez traz e aborda a realidade do cotidiano das crianças e adolescentes do quilombo dentro de sala de aula. Isso ajuda com que os estudantes se identifiquem como quilombolas, ou seja, reconheçam sua identidade e fortaleçam o seu lugar de fala e de luta.

Realizamos uma entrevista com o pedagogo do colégio, sobre como é a abordagem da educação escolar quilombola, que nos ajudou a compreender os princípios pedagógicos que guiam a construção do conhecimento. As principais perguntas foram: a) O que é realmente a Educação Escolar Quilombola? b) Como funciona a metodologia de ensino do colégio? c) Qual a importância da Educação Escolar Quilombola para a comunidade?

Apresentamos a seguir algumas reflexões que partem dessa entrevista. Também trazemos nesse capítulo o depoimento de uma professora da Escola que nos apresenta a importância do trabalho com os saberes tradicionais sobre as plantas medicinais no Colégio.

Por fim, buscamos nesse capítulo apresentar algumas possibilidades pedagógicas que colocam em diálogo os conhecimentos tradicionais e os conhecimentos escolares.

3.1 O Que é Educação Escolar Quilombola?

A Educação Escolar Quilombola está relacionada à luta pela educação pública e gratuita para os povos quilombolas, mas ao mesmo tempo da construção de uma educação diferenciada que carrega o objetivo do fortalecimento da identidade, da memória e da cultura do território.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, resolução no. 08 de 20 de novembro de 2012 – CNE/CEB, entre os principais objetivos, está a busca em “assegurar que as escolas quilombolas e as escolas que atendem estudantes oriundos

de territórios quilombolas considerem as práticas socioculturais, políticas e econômicas [...], seus processos próprios de ensino-aprendizagem e as suas formas de produção de conhecimento tecnológico” (BRASÍLIA, 2012, p.12)

Entre os princípios político-pedagógicos da Educação Escolar Quilombola, podemos citar:

[...] direito à igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade; [...] respeito e reconhecimento da história e da cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional; [...] reconhecimento dos quilombolas como povos ou comunidades tradicionais; conhecimento dos processos históricos de luta pela regularização dos territórios tradicionais dos povos quilombolas; direito ao etnodesenvolvimento entendido como modelo de desenvolvimento alternativo que considera a participação das comunidades quilombolas, as suas tradições locais, o seu ponto de vista ecológico, a sustentabilidade e as suas formas de produção do trabalho e de vida; superação do racismo institucional, ambiental, alimentar, entre outros – e a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito e discriminação racial; respeito à diversidade religiosa, ambiental e sexual; [...] implementação de um currículo escolar aberto, flexível e de caráter interdisciplinar, elaborado de modo a articular o conhecimento escolar e os conhecimentos construídos pelas comunidades quilombolas; implementação de um projeto político-pedagógico que considere as especificidades históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades quilombolas [...] (BRASÍLIA, 2012, p. 14-17)

Através do diálogo com o pedagogo do colégio foi possível perceber o comprometimento da equipe pedagógica da escola com a educação, para crianças e adolescentes sejam direcionada a cultura de suas comunidades, segundo ele:

É a educação escolar que contribui para um conhecimento geral, vamos dizer assim um conhecimento escolar comum das famílias quilombolas, estudantes quilombolas, onde ele vai passar a compreender a sociedade a partir do lugar que ele vive e vai entender também que a sociedade, falando dentro da sala de aula ou ne outro espaço escolar, não só aquela sociedade que está no livro didático. O conhecimento científico que está estudando através dos professores dentro de uma sala de aula, através da mídia que usa esse conhecimento científico, ele não é diferente do conhecimento que ele tem na sua vivência, não é diferente do conhecimento do pai e mãe tem, não é diferente do conhecimento que o avô e vó tem ou tiveram. [...]. A educação escolar quilombola é isso é de uma forma que o estudante formado na sua formação humana. (Entrevista com B.F.F.J, realizada em 03.10.2021)

Diante disso é possível perceber o quanto a sociedade tenta impor uma educação hegemônica para povos indígenas, povos ciganos, povos ribeirinhos, povos pescadores e povos caboclos, sendo que esses povos também tiveram e tem parte no desenvolvimento da história do Brasil. Para Bendito, a educação quilombola tem uma importância em relação ao território quilombola. Em suas palavras, ele afirma:

A educação escolar parte do que ele vive, não precisa se adaptar a um conhecimento urbano, um conhecimento europeu. Se ele é quilombola pode ampliar seus conhecimentos, ser mais valorizados também na sociedade, estudando a educação básica na modalidade da educação escolar quilombola que compreende as pessoas mais velhos da comunidade como formador de professor, formador acadêmicos. [...] O território é uma escola, o rio tem um significado, as árvores tem um significado, o vento tem um significado, a casa tem um significado, o plantio, a coletividade tem um significado. Então um ponto que firma bem isso pra sociedade como raça humana: coletividade, aí que é o ponto forte, é a questão do território. (Entrevista com B.F.F.J, realizada em 03.10.2021)

Como observamos nos depoimentos do pedagogo do Colégio Quilombola Diogo Ramos, a educação escolar quilombola está vinculada diretamente ao respeito à diversidade, e à história desse povo. Ela precisa estar comprometida com o território, com sua trajetória, com sua cultura, e seus saberes construídos.

3.2 Metodologia de Ensino no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos

Nos depoimentos do pedagogo do C.E.Q. Diogo Ramos, podemos observar que a proposta pedagógica da escola aponta uma metodologia de ensino diferenciada. Em suas palavras:

Nossa proposta de trabalho pedagógico já é diferenciado, né, a educação escolar quilombola. A gente adotou a teoria Freiriana aonde se aprende a partir da vivência do educando, e então por isso nós trabalhamos com projetos de aprendizagem [...] então a gente cria juntos com a comunidade e os estudantes, ou seja, projetos de aprendizagem. Fazemos com os estudantes, professores. A gente monta projetos de acordo com a realidade do estudante sempre pensando de um reconhecimento de uma identificação com o quilombo João Sura partindo do projeto de aprendizagem onde que exige pesquisa por parte dos professores e professoras, onde são motivados os estudantes a pesquisar e saber mais sobre determinado tema do projeto. [...] Os conteúdos curricular das disciplinas são pra fazer entender e ajudar na investigação desse projeto de aprendizagem do estudante, ou seja, a disciplina vai fazer entender melhor o contexto que vive, a história que passou, a atualidade que estamos. Se tendo essa visão, onde nós vamos chegar, aí sim o indivíduo está se preparando pra buscar estratégias junto com a comunidade pra gente vencer esses desafios [...] (Entrevista com B.F.F.J, realizada em 03.10.2021)

Outro ponto ressaltado no depoimento de Benedito é a questão da tecnologia e da comunicação na educação:

[...] hoje nós usamos muito os recursos da internet. A tecnologia está aí para nos ajudar, então é que nós usamos os celulares, são grandes parceiros nossos. O caderno também é, caderno de anotação, internet, os aplicativos de comunicação no ensino remoto se tornou nossa aliada. Então, antes era o costume nós registrar as nossas histórias, nossas memórias através via metodologia oral, através da oralidade, depois passamos com a escrita. Através do colégio então, nós hoje temos os sistema remoto virtual que nos ajuda bastante, então a gente se adequou também a essa metodologia da atualidade. (Entrevista com B.F.F.J, realizada em 03.10.2021)

Nesse sentido, é importante destacar que a construção de uma educação escolar quilombola exige pensarmos uma metodologia diferenciada, que dê total atenção ao modo de vida da comunidade, e às suas formas de resistência. Também é importante destacar que é necessário um diálogo entre os conhecimentos tradicional e as novas tecnológicas.

3.3. Qual a importância da Educação Escolar Quilombola para a Comunidade?

Como parte da entrevista, essa pergunta sobre a importância da educação escolar quilombola para a comunidade João Surá, podemos observar que ela tem um papel fundamental no fortalecimento da identidade, a autoestima, e da construção de uma sociedade mais igualitária, onde os preconceitos raciais sejam extinguidos. O depoimento de Benedito, nos aponta que:

A educação escolar quilombola: a importância dela é denunciar a maneira que os povos africanos foram tirados da África, denunciar a escravidão desses povos no solo brasileiro. A educação escolar quilombola traz de volta a cultura, conhecimentos que foram ocultados pela colonização europeia que mudou tudo, apagou, tentou de várias formas apagar as culturas, os conhecimentos, tentando invalidar aquilo que os povos indígenas cultivavam no Brasil, tentando colocar na mente das pessoas que os povos negros não eram gente. Esse tipo de educação fortalece as pessoas na questão da autoestima, onde a mulher negra o homem negro busca ter o mesmo espaço da sociedade sem se preocupar com diferença de cor. (Entrevista B.F.F.J realizada em 03.10.2021)

Estes relatos feitos durante a entrevista com o pedagogo do colégio quilombola nos dão uma dimensão mais ampla do papel da escola no fortalecimento da comunidade e sua identidade, fortalecendo seus conhecimentos tradicionais e potencializando eles na busca da construção de uma nova sociedade.

3.4 Possibilidades Pedagógicas: Conhecimentos Tradicionais sobre plantas medicinais na Escola

A Casa da Memória é um espaço cultural de preservação dos conhecimentos tradicionais, digamos que um museu da comunidade. É uma casa de barro, chão batido e coberta de Eternit, devido a não ter mais sapê na comunidade.

Antigamente as casas da comunidade eram feitas de barro e cobertas de sapê. O sapê (*Imperata brasiliensis*) é um nome de origem tupi guarani “ssa’pê” que significa “o que alumia”. É uma gramínea (família botânica), que após seca, os caules são utilizados para construir coberturas ou telhados de casas. O sapê que antes tinha na comunidade, atualmente encontra-se em extinção.

Na Casa da Memória são guardadas miniaturas, utensílios, ferramentas e peças antigas. Por exemplo: miniatura de casa de farinha; miniatura de moenda; miniatura de barro da casa mais antiga; taipa de barro (fogão de barro); fotos; utensílios de casa, como ferro de passar roupa (de brasa) e a chaleira de ferro; furadeira de madeira, máquina de plantio; e também a capela que representa a primeira igreja da comunidade.

Abaixo apresentamos algumas fotos desses objetos:

FOTO 23 – Casa da Memória



Fonte: Foto de Cintia Ramos

FIGURA 24 – Capela que representa a primeira igreja da comunidade



Fonte: Foto de Cintia Ramos

FIGURA 25 - Fogão taipa de barro



Fonte: Foto de Cintia Ramos

FIGURA 26 – Artefatos da História do Quilombo



Fonte: Foto de Cintia Ramos

A casa da memória é muito importante dentro da comunidade, é uma casa onde se encontra artefatos que fazem parte da cultura quilombola, mesmo ela sendo pequena, com duas salas, ela guarda grandes histórias.

Diante disso, a casa é uma exposição para os mais jovens, com a sabedoria e conhecimentos dos ancestrais, onde muitos dos objetos foram construídos com recursos do próprio território. É importante a consciência de que não são somente objetos, mas também de artefatos que fazem parte da trajetória histórica que marca a resistência das famílias da comunidade, como por exemplo, o chifre de boi, muito utilizado para fazer remédios de “susto” para crianças,

No colégio Diogo Ramos, por ter a metodologia de ensino baseado nos princípios da educação escolar quilombola, os professores organizam suas aulas combinando os espaços de sala e campo, onde os estudantes fazem atividades práticas mexendo com a terra, como por exemplo, a horta escolar. As aprendizagens e orientações que perpassam esses momentos podem ser levadas para as casas e serem compartilhadas com seus pais.

Na horta escolar não são cultivadas só as hortaliças e legumes, mas também as ervas medicinais que são de extrema importância para serem preservadas e utilizadas, principalmente para ter seu conhecimento e reconhecimento. Realizei uma entrevista com uma das professoras do colégio, utilizando duas perguntas, a primeira era se plantava e qual a importância de manter esse conhecimento, e a segunda pedia um depoimento sobre como era realizada a experiência. Assim, afirmou a professora do colégio que as:

[...] plantas medicinais são de muita importância devido os nossos ancestrais que só utilizavam ela para sua saúde, em todos os tipos de doença, desde o parto até picada de cobra. Precisamos manter a cultura dos chás das nossas roças de remédios para dores. No colégio usamos os chás, para calmante somente, que é muito bom os estudantes mesmo não gostando muito fazem o esforço de tomar o chá. Os professores têm o hábito de tomar chá todos os dias, aproveitando assim das nossas ervas que fazem bem a nossa saúde, todos as ervas, e assim nossa saúde agradece por este bom hábito. (Entrevista com G.A.M, realizada em maio de 2023)

Diante disso, o capítulo ressalta a importância de um espaço cultural dentro de um território, que possa contribuir no fortalecimento, na valorização da história da comunidade, e também como espaço de diálogo e troca de saberes sobre as várias dimensões da vida quilombola, inclusive dos saberes tradicionais que envolvem o uso medicinal das plantas do bioma do qual o território faz parte. A Casa da Memória e o Colégio Diogo Ramos possibilitam às crianças e à juventude um estudo e uma prática destes conhecimentos. No caso da escola quilombola, utilizando a horta de hortaliças e a horta medicinal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da problemática exposta sobre tema plantas medicinais no bioma originário da comunidade quilombola João Surá, foi possível perceber que o tema atualmente é muito dialogado com as crianças e jovens da comunidade. Durante a realização da pesquisa de campo, e os diálogos realizados com integrantes da comunidade, pudemos observar valiosas considerações em relação a este tema, sendo que os conhecimentos tradicionais são geralmente transmitidos pela oralidade para novas gerações. Também aproveitamos as tecnologias disponíveis para registrar essas sabedorias, e compreendemos que elas podem tornar disponíveis esses conhecimentos para próximas gerações, assim como para as visitas que recebemos no quilombo como visitas, além de poder fortalecer a luta da comunidade através das redes sociais.

Nesse sentido, não podemos romantizar a situação. Esse trabalho que fizemos apresenta as dificuldades enfrentadas pela comunidade, principalmente em relação à questão territorial. Analisar essas dificuldades deu fundamentos para realização dessa pesquisa, sendo possível observar como elas são enfrentadas. Entre elas, podemos citar o racismo ambiental.

A comunidade quilombola João Surá resiste todos os dias, sem perder as suas origens e costumes, e ainda conseguindo transmitir a sabedoria ancestral que envolve a nossa cultura.

Por fim, o trabalho também ressalta importância de uma comunidade quilombola ter em seu território a educação escolar quilombola, com diretrizes curriculares e metodologias voltadas a sua cultura, conhecimentos e tradições. Essa proposta ajuda no fortalecimento da identidade quilombola de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, além de proporcionar vivências adaptadas de algumas experiências ancestrais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÉRICO, Márcia Cristina; DIAS, Luiz Marcos de França. Conhecimentos tradicionais quilombolas: reflexões críticas em defesa da vida coletiva. *In: Cadernos Cenpec: pesquisa e ação educacional*. V.9, N.1. *Online*: CENPEC, 2019.

ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DE QUILOMBO DO BAIRRO JOÃO SURÁ. **Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil**. Fascículo 02. Comunidade Quilombola de João Surá. Adrianópolis-PR, junho 2009. Disponível em: <https://seppirhomologa.c3sl.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/3109/01%20COMUNIDADE%20QUILOMBOLA%20JOAO%20SURA.pdf?sequence=-1&isAllowed=y> Acesso em junho de 2023.

BERTOLDO, Edson; PAISANI, Julio Cesar; OLIVEIRA, Paulo Eduardo de. Registro de Floresta Ombrófila Mista nas regiões sudoeste e sul do Estado do Paraná, Brasil, durante o Pleistoceno/Holoceno. *In: Scielo 25 Brasil*. *Online*: Scielo 25 Brasil, 2014. PP-1-8. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hoehnea/a/P6T77x5jM99WYw7Fsdgkz7f/?lang=pt> Acesso em junho de 2023.

BRASÍLIA. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Resolução no. 08. – CNE/CEB. Brasília, DF: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 20 de novembro de 2012.

CONAQ. Quilombo? Quem somos nós!. *In: CONAQ*. *Online*: CONAQ, [s.d]

PEREIRA, Lucinéia da Rosa; FERREIRA, Julio Cesar David. Plantas medicinais da comunidade dos remanescentes de quilombo João Surá: conflitos territoriais, biodiversidade e o resgate de saberes tradicionais. *In: PAULA, Adalberto Penha de; Et al (org). Da pesquisa á escrita: relatos da licenciatura em educação do campo na UFPR- setor litoral*. Livro 03 da coletânea educação do campo em movimento. Ponta Grossa: editora UEPG, 2021.

GRUPO DE TRABALHO CLOVIS MOURA. **Relatório do Grupo de Trabalho Clóvis Moura**: 2005-2010. Curitiba, PR: GTCM, 2010.

INSTITUTO ÁGUA E TERRA. **Parque Estadual das Lauráceas (PEL)**. *Online*: IAT, 2022. Disponível em: <https://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Parque-Estadual-das-Lauraceas-PEL> Acesso em abril de 2023

INSTITUTO BRASILEIRO DE FLORESTAS. **Bioma Mata Atlântica**. *Online*: IBF, 2022. Disponível em: <https://www.ibflorestas.org.br/bioma-mata-atlantica> Acesso em abril de 2023

PRETA TERRA. Qual a importância do conhecimento tradicional para os sistemas agroflorestais? *In: Preta Terra*. *Online*: Preta Terra, 09/05/2022. Disponível em: <https://pretaterra.com/pretaterra-responde-qual-e-a-importancia-do-conhecimento-tradicional-para-os-sistemas-agroflorestais/> Acesso em maio de 2023.

REPÓRTER BRASIL. (Org). **Deserto Verde: Os impactos do cultivo de eucalipto e pinus no Brasil**. SP: Repórter Brasil: Organização de Comunicação e Projetos Sociais; Fundação Rosa Luxemburgo, 2011. Disponível em: https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/21277_20120116_185928.pdf Acesso em maio de 2023

SANTOS, Laymert Garcia. Saber Tradicional x Saber Científico. *In: Povos Indígenas no Brasil – 2001 a 2005 – ISA*. SP: Instituto Socio Ambiental (ISA), 2006.

SCHEER, Maurício Bergamini; MOCOCHINSKI, Alan Yukio. Florística Vascular da Floresta Ombrófila Densa Altomontana de quatro serras no Paraná. *In: Scielo 25 Brasil*. *Online: Scielo 25 Brasil*, 9 de abril de 2009. PP-51-69. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bn/a/8sCx5tKMrBTjF3z9pGy6YrS/?lang=pt> Acesso em junho de 2023

ANEXOS

Anexo 01 – Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado(a) **PLANTAS MEDICINAIS E MUDANÇAS NO BIOMA ORIGINÁRIO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA JOÃO SURÁ** na UFPR - Setor Litoral, desenvolvida(o) pela estudante **CINTIA DE CRISTO RAMOS**. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada pela professora Dra. **ÂNDREA FRANCINE BATISTA**, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela orientadora e orientanda para a produção do Trabalho Final. Fui ainda informado (a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento.

_____, ____/____/____

Cidade, data.

Nome Completo do (a) Participante:

Assinatura do (a) participante: _____

Nome Completo do (a) Pesquisador (a) :

Assinatura do (a) pesquisador (a): _____